

## COMPARTIMENTAÇÃO ESTRUTURAL DOS TERRENOS GNAISSICOS DA REGIÃO A LESTE DE SANTOS DUMONT, SUDESTE DE MINAS GERAIS

Renata Hiraga de Vasconcellos Cruz<sup>1</sup>; José Renato Nogueira<sup>2</sup>; Rodrigo Ferreira França<sup>3</sup>; Raphael Lopes Santiago<sup>4</sup>; André Costa Fedele<sup>5</sup>; Joana de Oliveira Ramalho<sup>6</sup>

<sup>1</sup> UERJ; <sup>2</sup> UERJ; <sup>3</sup> UERJ; <sup>4</sup> UERJ; <sup>5</sup> UERJ; <sup>6</sup> UERJ

**RESUMO:** A área de estudo se localiza a leste de Santos Dumont (MG), no Domínio Tectônico Autóctone (DTA) da porção central da Faixa Ribeira, próxima ao contato com o Domínio Tectônico Andrelândia (DTAND). O DTA é tido como formado por rochas que não foram tectonicamente imbricadas durante a orogênese brasileira (900-500 Ma). Entretanto, ao longo dos últimos dez anos, trabalhos de mapeamento geológico em escala 1:25.000 e 1:50.000 evidenciaram a presença de zonas de cisalhamento de baixo ângulo para SE, configurando escamas de empurrão geradas durante fase principal de deformação da Faixa Ribeira (D2), em sua porção mais distante do centro do orógeno. Foram compiladas informações de 523 pontos estudados utilizando-se o pacote software ArcGIS 9.2, e gerados mapas diversos, perfis e estereogramas que permitiram a análise estrutural de toda a área mapeada. Esta análise consistiu da compartimentação dos domínios tectônicos citados em domínios estruturais, subdivididos em domínios de alta deformação (DE1) abrangendo as regiões internas às zonas de cisalhamento e domínios de baixa deformação (DE2), pouco afetados por estas zonas. Em ambos os domínios tectônicos, o DE1 é constituído por rochas com evidências de terem sofrido maior intensidade da deformação brasileira, gerando estruturas planares de baixo ângulo para SE, como texturas miloníticas, bandamento gnáissico tabular constante, além de forte lineação de estiramento, localmente com presença de L-tectonitos. No DTA os estereogramas apresentam um máximo em 142/24, com lineação de estiramento próximo de down-dip em 131/09. Para o DTAND foram obtidos planos médios em 144/30 e máximo estiramento em 154/27. Em ambos os domínios tectônicos os indicadores cinemáticos mostram sentido de movimento reverso, indicando vergência para NW. Apesar de pouco afetadas pela deformação brasileira, as áreas contidas nos DE2 mostram alguma influência destas zonas de cisalhamento, resultando em planos médios de 190/12 para o DTA e 108/30 para o DTAND. Entretanto, sub-máximos em 054/36 e 208/36, claramente sugerem, para o DTA, a presença de dobramentos abertos com flancos mergulhando para NE e SW, enquanto que para o DTAND estes dobramentos ora possuem flancos para SSE (170/20) e ora para ESE (108/30) apontando para a presença de ângulos interflanco menores, possivelmente devido ao menor espaçamento entre as zonas de cisalhamento. No DTA, o DE2 mostra uma tendência de rotação das lineações de estiramento para SE (136/09), com eixos de dobras para WNW com baixo ângulo. No DTAND, o DE2 apresenta lineações para SE com baixo ângulo (123/27) e eixos de dobras com caimento para NW com médio ângulo (280/45). Com base nestes resultados e em dados geocronológicos, foi possível afirmar que o DE2, exibe com maior frequência estruturas geradas em estágios anteriores à deformação brasileira, gerando dobras abertas com flancos para NE e SW, lineações de estiramento menos freqüentes no DTA e dobras mais fechadas no DTAND. Em ambos os domínios tectônicos, o DE1 marca a fase principal de deformação do evento brasileiro, culminando com a formação de zonas de cisalhamento de baixo ângulo, responsáveis não só pela interferência de estruturas no terreno como pela deflexão da foliação e de contatos litológicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** DOMÍNIOS ESTRUTURAIS; FAIXA RIBEIRA.